

COROA DA TERRA
(1946)

OS TRABALHOS E OS DIAS

Rosa Martelo*

O que me atrai neste poema é ele ser um cristal cujas faces reflectem a vida humana em diferentes tempos e escalas. Incluído em *Coroa da Terra* (1946), livro escrito entre 1941 e 1944, este poema provém de um período no qual a sinistra violência da Segunda Guerra Mundial tornava especialmente valiosas a verdade e a justiça. Talvez tivesse nascido dessa circunstância a apropriação do título do poema em que Hesíodo sistematizou e transmitiu diversos saberes necessários à vida em comunidade, à exploração da terra, às viagens por mar, à organização da casa e da família. Condições inalienáveis da vida humana, verdade e justiça são valores tão essenciais em *Os Trabalhos e os Dias* quanto neste poema homónimo, onde antes de mais moldam a relação daquele que escreve com o próprio acto de escrever. Assim, os primeiros versos mostram-nos um poeta que, à mesa de trabalho, se sente em relação com “o mundo inteiro” – a ponto de a sua voz assumir uma dimensão impessoal, intersubjectiva, susceptível de traduzir as aspirações de qualquer ser humano, independentemente de coordenadas de tempo e lugar. A apropriação do título de Hesíodo e a inerente remissão para uma obra fundadora da cultura grega antiga poderão ser entendidas como sugerindo esta transtemporalidade.

É uma voz original aquela que o poeta busca, mas os versos chegam-lhe falados por outras vozes, permeados de palavras com origem em “poemas velhos”, conduzidos pelo hábito. A quem escreve torna-se, pois, necessário vigiar as “palavras já ditas” quer por si quer por outros, e bani-las do poema. Mas, se recusam o que é velho, esteticamente reconhecível, estes versos também afirmam um vínculo profundíssimo com o mais remoto passado: “e só eu sei porque principiei a escrever no princípio do mundo/ e desenhei uma rena para a caçar melhor”, leremos mais adiante. O arco temporal

produzido por este registo enunciativo sobrepõe à actualidade da escrita (sobre “este papel, esta mesa”) a virtualidade distante do desenho rupestre, a descoberta do traço, a possibilidade de fechar uma linha e criar uma forma, fazer um desenho. Escrever seria então como desenhar uma rena para poder caçá-la melhor, um gesto de domínio e apreensão vindo do princípio do mundo. No contexto da emergência da poesia de pendor social, dominante nos anos Quarenta, Jorge de Sena concebe uma alegoria em que a mesa de escrita e aquela “em que os homens comem” são uma e a mesma mesa, sinal de idêntica convivialidade e fraternidade.

Ao inscrever o poema simultaneamente no mais recente “agora” e no distante passado em que comunidades humanas primevas desenharam renas e auroques em paredes de pedra, a relação metonímica entre escrever e comer na mesma mesa faz do tempo um poliedro de cristal e afirma o amor em detrimento da guerra (que apenas traça “um caminho sem nada para o regresso da vida”). Escrever um poema “agora” ou ter inscrito, no mais remoto passado, uma linha sobre uma pedra para caçar melhor uma rena tornam-se aqui aspectos da mesma busca. No Prefácio da primeira edição do volume *Poesia I* (1961), no qual *Coroa da Terra* (1946) sucede a *Perseguição* (1942), Sena irá expor de modo sistemático a sua poética do testemunho. Em asserções de grande rigor teórico mostrará que, na poesia, o testemunho “é antes de mais linguagem”, e que é na linguagem que se processa “a remodelação dos esquemas feitos, das ideias aceites, dos hábitos sociais inconscientemente vividos, dos sentimentos convencionalmente aferidos”. Sair do hábito, conquistar uma voz própria, exigir um novo mundo, tudo isto passa então por recusar velhos usos, mas sem pôr em causa o valor da memória nem desvirtuar o significado do desejo primordial de mudar o decurso dos acontecimentos por vir.

Actualizando a argumentação de Jorge de Sena no Prefácio a *Poesia I*, é possível dizer que o poema “Os Trabalhos e os Dias” já nos apresenta um poeta que se entende como testemunha “de [si] mesmo e do [s]eu mundo” e

expõe a sua “humildade expectante”, a sua “disponibilidade vigilante”, a sua vontade de mudança. Alguém que entende que a busca de verdade e justiça só fará sentido se for partilhável: “ao tempo só escapamos com alguma dignidade, na medida em que, sem subserviência, o tornamos co-responsável dos nossos escritos”, conclui Jorge de Sena. E daí que, tal como Hesíodo, queira ligar, neste poema, “os trabalhos” de escrita “e os dias”: dias actuais, mas também conformes a uma visão expansiva do tempo e do humano.

* Ensaísta e professora de Literatura e Estudos Interartísticos na Universidade do Porto. Privilegia a poesia portuguesa e as poéticas modernas e contemporâneas. Investigadora do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, estuda relações de intermedialidade (sobretudo diálogos da poesia com as artes visuais e audiovisuais). Co-dirige a revista *Elyra* (www.elyra.org). Livros de poesia: *A Porta de Duchamp* (2009), *Matéria* (2014) e *Siringe* (2017). Livros de ensaios mais recentes: *A Forma Informe – Leituras de Poesia* (2010), *O Cinema da Poesia* (2012, 2ª ed. 2017) e *Os Nomes da Obra – Herberto Helder ou o Poema Contínuo* (2016). Co-organizou a antologia *Poemas com Cinema* (2010) e o volume *Ofício Múltiplo – Poetas em Outras Artes* (2018).